

**O retratado era “diferente”.
Rio de Janeiro, c. 1865.**

SANDRA SOFIA MACHADO KOUTSOUKOS.¹

“Elephantiasis dos Arabes”.

No livro *Regarding the pain of others* Susan Sontag diz que é preciso uma boa dose de estoicismo para olhar fotografias que podem fazer você chorar (SONTAG, 2004:13). No decorrer de uma pesquisa sobre fotos de pessoas consideradas “diferentes” – pelo seu “exotismo”, pelas suas doenças adquiridas, ou pelas suas deformações de nascimento – é impossível não cruzar com várias delas: com fotos que podem fazer você chorar. A foto que apresento aqui é um desses exemplos (**imagem 1**).

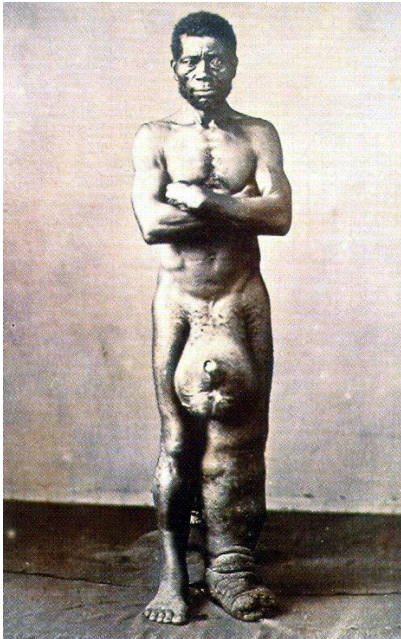


Imagem 1 – Homem com elefantíase. Cartão de visita de Christiano Júnior, Rio de Janeiro, c. 1865. Foto reproduzida de Bia e Pedro Corrêa do Lago, *Os fotógrafos do império*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2005, p. 140.

¹ Sandra Sofia Machado Koutsoukos é autora de *Negros no estúdio do fotógrafo. Brasil, segunda metade do século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP e FAPESP, 2010. Atualmente, pós-doutoranda em Multimeios, Mídia e Comunicação, no Instituto de Artes da UNICAMP, e bolsista FAPESP, pesquisa as exposições de pessoas nas exposições, feiras, circos e museus do século XIX e início do XX.

José Christiano de Freitas Henriques Júnior era um fotógrafo português e, assim como numerosos outros profissionais estrangeiros do meio, trabalhou durante um período em estúdio fotográfico montado na cidade do Rio de Janeiro; aproximadamente entre 1860 e 1875. Christiano Júnior retratou diferentes representantes das diversas classes da sociedade brasileira de então, desde clientes particulares a pessoas que posaram como modelos das fotos vendidas como souvenir (curiosidades ou cartões postais) para colecionadores e turistas, ou fotos vendidas como objetos de estudos para cientistas. A foto do homem acometido por elefantíase na perna esquerda e no escroto é uma das poucas existentes, tirada pelo estúdio de Christiano Júnior, de uma “aberração”. Teria sido aquele um cartão de visitas usado para ser vendido como souvenir, ou foi ele uma encomenda feita por algum médico/cientista a Christiano (já que o registro das “anormalidades”, encomendadas aos fotógrafos pelos médicos, não era incomum)? Ao que consta, aquela foi uma foto encomendada, sim, por um médico, junto a outros onze registros de casos parecidos. Caso não bastasse essa informação, outros indícios poderiam nos levar à mesma conclusão. Vou tratar deles até o final deste artigo.

Nas teses dos doutores em medicina do século XIX, estes costumavam chamar a doença acometida pelo homem da foto de “Elephantiasis dos Arabes”; vejamos:

“Entenda-se por ‘Elephantiasis dos arabes’ uma moléstia caracterizada pela intumescência e hypertrophia da pelle, e do tecido conjunctivo sub-cutaneo, devidas a inflamações successivas e parciaes do systema lymphatico da parte, as quaes sobrevindo, na maior parte dos accessos, determinão o augmento gradual da parte. Somos os primeiros a confessar que esta definição pecca por ser prolixa, mas é fundada em caracteres anatômicos constantes, e no estado actual da Sciencia, não nos é possível formular outra que melhor a substitua.”²

Que tipo de vida levou o homem negro que posou para Christiano Júnior, não temos como saber. O mais provável é que ele fosse uma pessoa de condição humilde; talvez fosse ainda escravo, pois tratava-se de meados da década de 1860, um pouco

² E mais: “Existem probabilidades de que esta affecção era conhecida dos povos orientaes, os quaes a designavão com o nome de dal-fil, palavra que significa pernas de elephante, por isso que o mal assentando-se, de ordinario, nos mesmbros inferiores, e, principalmente nas pernas, as disformava de tal sorte a dar-lhes a apparencia das pernas desse animal. (...)”, em Augusto Candido Fortes de Bustamante de Sá, *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Commercial de F. O. Q. Regadas, 1858, sem número de página.

mais de duas décadas antes da abolição da escravidão no Brasil. Quem sabe, o homem sobrevivesse exibindo pelas ruas a condição de sua perna, esperando as demonstrações de bondade alheia, esmolando mesmo (como ainda acontece muito hoje em dia)? Caso tivesse posado para Christiano como modelo para uma foto a ser vendida como um estranho souvenir, teria recebido pagamento pelo trabalho. Como parece ter sido aquele um registro encomendado por um médico, pode ser que tenha recebido pagamento, ou não. Sua doença era incurável, promessa de milagre não adiantava, mas dinheiro ajudava a ir levando a vida, com certeza. Ele cruzou os braços à frente do corpo, o que deve ter ajudado a resolver o problema de “o que fazer com as mãos?” É provável que o cruzamento dos braços na frente do peito tenha sido uma sugestão do fotógrafo, interessado que estava em não ter nada atrapalhando o registro da parte inferior do corpo do homem. Sua expressão é um misto de vergonha e desesperança. Talvez também de dor. O doutor em medicina Augusto Candido Fortes de Bustamante Sá comentou em sua tese sobre o estado de humor dos portadores daquele tipo de doença:

“Alguns indivíduos sofrem de melancolia (ao que hoje em dia os médicos chamam de ‘depressão’ – comentário meu), e tão profunda às vezes que impassíveis desprezam os atractivos da sociedade, e com indiferença rejeitam os mais bellos gozos e prazeres da vida; seus corações que se tornarão para bem dizer de mármore não mais se deixão impressionar pelos magos enlevos do mundo. Outros, e em maior numero, padecem quase constantemente de perturbações nas funções digestivas.” (BUSTAMANTE DE SÁ, 1858: s/n.pág)

Há quantos anos, no momento daquela foto, já carregaria ele aquela perna de “elefante” e o escroto gigante (o que, inclusive, o impedia de ter relações sexuais “apropriadas”)? A elefantíase é uma doença de progressão lenta e, pela extensão da doença no corpo do homem da foto, ele já deveria conviver com ela fazia alguns anos. Novamente, uma tese de médico brasileiro do século XIX acrescentou:

“Entre nós, onde a elephantiasis do escrôto, é comum, ela costuma anunciar-se pelos symptomas seguintes: o individuo que mais tarde será victima de um tumor elephantiaco do escrôto (senão procurar obstar os seus progressos) começa por soffrer repetidos ataques das nossas erysipélas sobre o escrôto; as quaes são accompanhadas de accessos febris caracterisados por trez períodos: de frio, calôr e suôr; assim o individuo é accomettido de um rigoroso frio, de cephalalgia, dôres pelo corpo, nauseas e algumas vezes vômitos; o escrôto

torna-se muito intumecido e extremamente doloroso ao tocar; o periodo de frio, depois de um tempo variavel, é succedido pelo calôr, em que a pelle apresenta-se quente, ha febre e algumas vezes delirio. Depois do periodo de calôr, ou juntamente com elle o doente apresenta suôres, ás vezes abundantes, por onde em geral se termina o insulto erysipélatoso.” (NEVES, 1858: 22-23)

Ou seja, o desconforto causado era (é) enorme. Por outro lado, “cura” não havia. Os médicos eram categóricos ao afirmar que a única “chance de cura” era cirúrgica. Porém, na maioria dos casos, a cirurgia de pouco adiantava. Além de concordarem que a doença era incurável, afirmavam que “raramente”, no caso da elefantíase do escroto, ela era letal:

*“Não acreditamos que a elephantiasis do escrôto possa terminar-se expontaneamente pela cura, nem que por si só dê logar á morte do individuo; com tudo cremos que se o tumor elephantiaco chegar a um tamanho extraordinario, possa grangrenar-se e dar então logar á morte.”*³

Sobre as causas dessa doença, não se sabia grande coisa. Os médicos falavam do clima inter-tropical como o nosso como sendo mais propício do que o clima temperado europeu, mas demoraram para desconfiar de transmissão por mosquito.⁴ Falavam das correntes de vento, das águas, dos alimentos e das habitações úmidas. Acreditavam que a elefantíase do escroto atacava mais às pessoas sedentárias, ou aos profissionais que trabalhavam sentados, como os tecelões, alfaiates, bordadores, escreventes, etc. Além de acreditarem serem também mais suscetíveis os indivíduos de vida “irregular”, extravagante, que bebiam e estavam expostos aos “prazeres venéreos”; mais precisamente, apontavam o “virus syphilitico” (NEVES, 1858: 27). Outras causas seriam as pancadas frequentes e as contusões fortes. Como “tratamento”, além das

³ E mais: *“Prognostico: A elephantiasis do escrôto por si só não arrasta a morte do individuo; mas produz uma das mais horrendas mostruosidades de que póde ser victima o homem, tornando-lhe a vida languida, aborrecida e insupportavel, sobretudo quando ella tem attingido ao seo grão maximo.”* Em *Ibid.*, p. 25 e 28.

⁴ A elefantíase também é chamada de “filariose”, devido às filarias, que são os vermes causadores da doença. Este microorganismo (filarias) tem como vetor o mosquito *Culex quiquefasciatus*, popularmente conhecido como pernilongo ou muriçoca, muito mais frequente no nosso clima do que no europeu.

suspeitas e, com certeza, *arriscadas* “operações cirúrgicas”, acreditavam que algumas terapias poderiam ajudar no início da doença, como banhos iodados, banhos de mar, ou mesmo banhos frios; além de “cataplasmas de jumbeba ou urumbeba, misturada ao subacetato de chumbo líquido”, entre outras preciosidades. O fato é que: não havia cura e poucos eram os paliativos eficazes. Alguns, inclusive, podiam piorar a situação, causando outro tipo de problema, como o uso de substâncias tóxicas como o mercúrio e o arsênio (BRASIL, 1858: s/n.pág).

“Aberrações” usadas como entretenimento e objeto de estudo.

A exibição de pessoas para fins comerciais, educacionais ou simplesmente de entretenimento se tornou mais comum com o desenvolvimento das técnicas de navegação, cerca de quinhentos anos atrás, o que colocou europeus em contato com as mais diferentes partes do mundo. Conforme os novos cantos do planeta eram explorados, o comércio/tráfego de todo tipo de “bens exóticos” cresceu rapidamente (LINDFORS, 1999: vii). Porém, as exposições de pessoas “diferentes” em feiras, circos, parques e teatros existe desde que há a curiosidade humana. Foi comum a apresentação, em muitas cortes, de pessoas deformadas, pequenas e talentosas entretendo nobres e plebeus. A pintura da **imagem 2** mostra os anões e o rapaz com vitiligo que distraíam a rainha D. Maria I, de Portugal, e sua Corte. A **imagem 3** é uma pintura com o retrato de Siríaco, o rapaz com vitiligo. Muitas pessoas com vitiligo ganhavam o nome/propaganda de homem/ou mulher “leopardo” (o menino da **imagem 4** foi exibido nos EUA pelo empresário Phineas Taylor Barnum como “o menino leopardo”; notar que o desenho na testa do menino é muito parecido com o desenho da testa de Siríaco). Como acontecia com uma pessoa que exibía uma condição que estava *estampada* no próprio corpo, como um *mapa*, o semi-desnudamento fazia parte da apresentação de Siríaco aos convidados da Corte. Era o que se esperava dele: que se apresentasse semi-desnudo, para que os desenhos de sua pele pudessem ser escrutinizados. Também se esperava que a pessoa que vivia de ser exibida apresentasse ao menos algum tipo de talento: que dançasse, cantasse, tocasse algum instrumento musical, fizesse alguns

números de mágica, acrobacias, ou qualquer outra coisa. Notar que alguns dos anões da **imagem 2** portam instrumentos musicais.

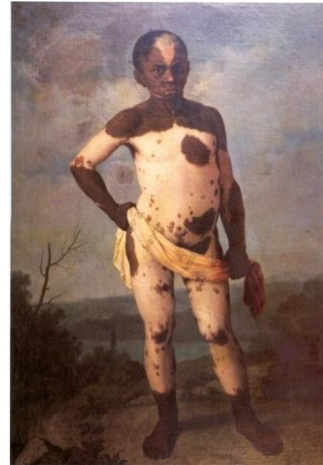


Imagem 2 – Anões e rapaz com vitiligo da Corte de D. Maria I. Pintura de José Conrado Rosa. Óleo sobre tela, 263 x 189,5 cm, Portugal, 1787. Pertence a colecionador particular. Imagem 3 – Retrato de Siríaco. Pintura de (Joaquim Manuel?) da Rocha. Óleo sobre tela, 146 x 100 cm, Portugal, 1786. Pertence ao Musée d’Histoire de La Médecine, Paris, França. Reproduzidas de Nelson Aguilar (organização), *Mostra do Redescobrimento. Negro de corpo e alma*. São Paulo, Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, págs. 40 e 41.



Imagem 4 – “Menino leopardo” exibido por P. T. Barnum. Foto de Mathew Brady, EUA, fim do século XIX.

Em 1842, o norte-americano Phineas Taylor Barnum (1810-1891) abriu o American Museum em Nova Iorque, nos EUA, colocando em exibição todo tipo de curiosidade que ele pode encontrar. Popularmente conhecido como “Dime Museums”, já que “um dime” era o valor da entrada, esse tipo de atração se espalhou rapidamente pelos EUA na segunda metade do século XIX, misturando gabinetes de curiosidades, pinturas, figuras de cera, pessoas com deformidades e performances teatrais – um misto de história natural, displays curiosos e exposições de sideshows – tudo exibido com um “ar” de respeitabilidade, indispensável para o sucesso. Após as grandes nações terem expandido suas colônias, o dito “mundo civilizado” estava cada vez mais interessado em saber sobre as outras culturas; dessa forma, esse tipo de atração veio ajudar a satisfazer tal curiosidade.⁵ P. T. Barnum entendeu que o público queria ver com os próprios olhos as novas descobertas descritas nos jornais e seus aspectos exóticos. Barnum talvez tenha sido o maior empresário de “freaks” do século XIX (é certamente o mais famoso), tendo descoberto e colocado em exibição numerosas pessoas. No início da década de 1870, Barnum se aventurou com um circo de atrações humanas (ou “maravilhas humanas”, como ele preferia chamar) na estrada e passou a apresentar seu “sideshow” ao lado da tenda dos grandes circos, entretendo o público antes do espetáculo (HARTZMAN, 2006: 13-16). No livro de Noel Daniel, *The circus: 1870-1950*, há um mapa do mundo mostrando os locais de onde foram trazidas atrações para serem exibidas no circo de Barnum; a propaganda dizia: “toda terra pesquisada em busca de novidades”.⁶

Empresariadas por Barnum muitas das pessoas que viviam de exibir a sua diferença, ou a sua “aberração”, chegaram até a fazer fortuna. O fato é que, quase todas as pessoas que trabalharam em sideshows, ou shows de freaks, tiveram condições de levar suas vidas com dignidade, ao contrário do que muita gente pensa. A exibição e exploração da sua diferença era uma forma genuína e digna de sobreviver num mundo

⁵ Além do museu de curiosidades, como o de Barnum, em meados do século XIX tivemos o surgimento das grandes feiras universais (a primeira, em 1851, em Londres) aonde numerosas nações expunham seus avanços em termos de tecnologia, indústria, ciências, artes e cultura – e aonde também, em poucos anos, passaram a ser exibidos os “outros”, nas chamadas “exibições etnográficas”. P. T. Barnum expôs um grupo de “freaks” na Midway da feira de Chicago de 1893.

⁶ E mais: “O circo vai trazer ‘as maravilhas de muitas nações’. Conforme as viagens e o comércio se expandiam, o circo minded the world for the latest trends and themes to put in its shows”. Em Noel Daniel (editor), *The circus: 1870-1950*. Taschen, 2008, p. 130.

no qual “não ser diferente” às vezes já requeria grande capacidade de competição e sorte. Imagine nascer diferente, ser olhado o tempo todo, muitas vezes com horror e medo, tendo que viver num mundo criado para pessoas de estatura normal (como no caso dos anões ou dos gigantes)? Ser muito gordo, ou muito magro, ou não ter membros? Ou, ainda, viver sem um instante de privacidade (como no caso dos gêmeos siameses)? Poucas opções de profissões comuns e poucas boas oportunidades haveriam. Uma vez que já eram olhados com curiosidade, por que não virar a situação em proveito próprio? Muitas histórias de vida de “freaks” são tocantes, mas é preciso não olhá-los como “coitadinhos” e ver que, na maioria dos casos, eles viveram suas vidas como as demais pessoas: amaram, casaram, descasaram, tiveram filhos e amigos, fizeram fortuna, perderam fortuna, se divertiram, foram felizes, sofreram, enterraram entes queridos, adoeceram e morreram – como qualquer um.

A ascendência dos shows de freaks, em meados do século XIX, coincidiu com a invenção da fotografia. Assim que o novo meio de representação se tornou mais acessível financeiramente e, principalmente, *reprodutível*, agentes e promotores de show de freaks viram que boa oportunidade comercial seria a de explorar aquelas figuras em cartões de visita. Normalmente, os cartões eram vendidos após os shows e, além de servirem como souvenir para o público, ou como novo item de coleção, ajudavam a fazer a propaganda dos shows, divulgando aquelas imagens aos outros – amigos e parentes dos frequentadores dos shows – aumentando a curiosidade (ADAMS, 2001: 114-115). Na representação dos sujeitos das fotos, adotava-se as mesmas convenções de expressão, pose e cenário das fotos das demais pessoas da sociedade. Porém, no verso dos cartões, costumavam acrescentar uma pequena biografia, nem sempre contendo apenas fatos verídicos.

Vejamos a foto de uma moça e o anúncio de sua “aberração” (**imagens 5 e 6**). O enorme pé direito foi colocado em destaque, apoiado descalço sobre um suporte forrado. O respectivo sapato encontra-se na frente da foto, impressionando em primeiro plano. Fanny Mills (1860-1899) era portadora de uma doença parecida com elefantíase nos dois pés e, com certeza, também nas duas pernas. Mas apenas os seus pés eram exibidos, o que já devia ser o bastante para impressionar. Consta que cada pé media 48,26 cm (19 inches) de comprimento por 25,40 cm (10 inches) de largura. Como ela se

locomovia, não temos como saber; mas ela se exibia em “Dime Museums”. O anúncio (**imagem 6**) faz alusão à oferta do pai de Fanny, que prometera \$5,000 e uma fazenda bem estocada ao solteiro que aceitasse se casar com a sua filha: “um boon para solteiros pobres!”, exalta a propaganda. Ao que parece, o pai de Fanny faleceu logo após a “brilhante” ideia que teve e a moça acabou se casando com um amigo de seu irmão, que a aceitou mesmo sem dote. Fanny teve um filho, aparentemente perfeito, mas faleceu aos 39 anos de idade (HARTZMAN, 2006: 67-68). Na foto (**imagem 5**), o interessante é o seu ar de dignidade, que transmite até mesmo uma certa autoconfiança, apesar do fardo que carregava. A propaganda dizia: “os maiores pés da terra”. Notar que o desenho exagera o tamanho dos pés de Fanny, que já não eram pequenos. Normalmente, os desenhos em jornais e os outdoors exageravam as características a serem exploradas; anões e midgets eram desenhados ainda menores, gigantes ainda maiores, pessoas gordas eram representadas imensas, pessoas com características físicas que lembravam animais eram desenhadas ainda mais parecidas com os ditos animais.



NINTH AND ARCH MUSEUM
THAT GIRL FROM OHIO!
MISS FANNY MILLS, WHO HAD
THE BIGGEST FEET ON EARTH.
No. 30 SHOE THE SMALLEST SHE CAN WEAR.
HER FEET ARE HER FORTUNE.

No person ever had so much on her ankles. Her feet, only excelled by the feet of a woman. Each shoe weighs enough to see to see it. The late lamented James Smith's horse took print of his little feet had he worn Miss Mills'.

A BOON FOR POOR BACHELORS!

Marriageable Men,
TAKE NOTICE!
 MR. MILLS, of Sandusky, Ohio,
 WILL GIVE TO ANY
 respectable man who will
 Marry His Daughter
 FANNY
\$5,000.00
 AND A
Well-Stocked Farm

Who will wed her hand
 and riches?
 Let Philadelphia's beaux
 answer!
 Don't permit two big
 feet to stand between you
 and wealth tinged with
 fortune.

She wears a No. 30 Shoe, the
 largest shoe ever worn. Three
 quartskins are required to make
 her one pair of shoes, the same
 quantity usually required to
 manufacture eight pairs of la-
 dies shoes. Their length is
 19 inches, the width
 7 1/2 inches, the waists of
 the shoes are 1 3/4 inches,
 instep 1 1/2 inches, the
 ball 1 1/2 inches, the tops
 of the shoes reach to
 the calf and measure
 in circumference 20 1/2
 inches, the heels are 3 1/2
 inches in width.

MISS MILLS is a na-
 tive of Sandusky, Ohio,
 and has been noticed
 in nearly every news-
 paper in the land. The
 usual cost of her shoes
 is \$35. She is a petite
 blonde, weighs 115 lbs.;
 very pretty, refined and
 highly accomplished.

“The Old Woman Who Lived in a Shoe”

Could have rented out apartments if she had resided in one of MISS MILLS'. Her feet are too big to fit
 in a postage coach and she has to travel in a box car.

CHICAGO GIRLS MUST YIELD THE PALM. WHOSE ARE THE ST. LOUIS' BEAUTIES?
 WHAT WILL THE BOSTON LADIES SAY?

BY COMPARISON PHILADELPHIA DAN-RENS ARE CINDERELLAS. A PAIR OF HER SHOES
 COULD AN ORDINARY MAN'S MOTHER DAUGHTER
 WHO WILL WEAR THIS BUCKEYE BEAUTY, 1899, AND THE WELL STOCKED FARM? A
 GREATLY BOON FOR THE OPPORTUNIST.

The balance-keeping Paragonism, the ELASTIC KID, THE N. S.
 CROSSMAN AND WIFE, the Yankee Whisker, A NEST AND NICK, the Fairy Queen,
 PEARL, EVARIS, ALICE, BEAUTY, with her Talking Bird, — BLOSSOM, SCARLET, the Wonders of the North,
 SARCOP, LEROI and DRENO, George Washington's Children, "from the Land of the Jungle".

THANKSGIVING SPECIALTY CO.
TWENTY STRONG.
SPECIAL THANKSGIVING DAY PERFORMANCES.
beginning at 8 P. M. and given continuously every hour until 11 P. M.
 ADMISSION AND A SEAT FREE. TIME 10:30. AND 11:30. DATES: SATURDAY, 11:30. SUNDAY, 10:30. MONDAY, 10:30. TUESDAY, 10:30. WEDNESDAY, 10:30. THURSDAY, 10:30. FRIDAY, 10:30. SATURDAY, 10:30. SUNDAY, 10:30.

Imagens 5 e 6 – Fanny Mills em estúdio de fotografia e em anúncio de sua “aberração” em jornal. Reproduzidas de HARTZMAN, Marc, *American sideshow. An encyclopedia of history's most wondrous and curiously strange performers*. Nova York, Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2006, páginas 67 e 68.

Normalmente, ao mesmo tempo em que eram exibidas, aquelas pessoas despertavam as atenções de doutores em medicina e sociedades científicas. Enquanto ganhavam a vida se exibindo à curiosidade do público, muitas vezes se prestavam ao papel de “objeto de estudo” de algum médico e/ou cientista. Em troca, podiam receber pagamento ou não. Muitos deviam guardar a secreta esperança de que o doutor em medicina milagrosamente viesse a descobrir algum tipo de “cura”. Ao concordarem em se transformar em objeto de estudo, eram examinados detalhadamente, medidos, apalpados, tinham partes de seus corpos desenhados (ou até moldados de gesso), fotografados, exibidos em palestras “ao vivo”, interrogados, etc. O curioso que comparecia ao espetáculo de exibição de uma “aberração”, movido pelo sentimento muitas vezes mórbido de simplesmente *ver* e, quem sabe, se “horrorizar” com o show, era diferente do estudioso que o escrutinizava em proveito próprio, para marcar seu nome em meio à comunidade científica à qual pertencia?

Esta pergunta foi bem colocada no filme “*O homem elefante*”, de David Lynch, de 1980. Nele, o médico cirurgião Frederick Treves se debate com a culpa de apresentar o homem elefante John Merrick (1862-1890, portador de uma doença chamada “Síndrome de Proteus”) como uma curiosidade médica, perante a comunidade científica à qual pertencia. Seu dilema interno: estaria ele “explorando”, ainda que de forma diferente, o “freak” John Merrick? Em certo momento do filme, o médico é consolado pela própria esposa, que lhe faz ver o quanto a vida de Merrick teria melhorado após ser reconhecido como um interessante objeto de estudo científico e instalado, com razoável conforto, em um dos quartos do Royal London Hospital, no qual o cirurgião trabalhava. Na realidade, o filme foi uma reinterpretação de uma história real. A vida de John Merrick foi dura, principalmente devido à sua doença; mas, ao que parece, ele não foi explorado por um empresário inescrupuloso, como o retratado no filme. As fontes indicam que Merrick tomou as principais decisões sobre os rumos de sua curta vida, aí incluída a decisão de se auto-exibir em shows como uma forma razoável de ganhar a vida honestamente, já que estava ficando difícil conseguir emprego com a sua aparência se deteriorando rapidamente devido à sua doença.⁷ Assim como aconteceu com outros

⁷ Sobre a história de John Merrick, consultar principalmente: Frederick Treves, *The elepaht man and other reminiscences*. Memphis, Tennessee: General Books, 2010 (publicado originalmente em 1923) e Ashley Montagu, *The elephant man. A study in human dignity*. Lafayette, Louisiana: Arcadian House, 2008.

“freaks”, John Merrick procurou ele mesmo um empresário – neste caso um homem chamado Sam Torr, que trabalhava com musicais e tinha um espetáculo popular na época. Merrick se apresentava ao público exibindo o seu corpo com pouca roupa, dava voltas no palco, podia “urrar como um elefante” e arriscar alguns passinhos de dança. Com o passar dos anos, as autoridades locais passaram a dificultar a exibição do “homem elefante”, pois alegavam considerar o show por demais degradante, transgredindo “os limites da decência” (TREVES, 2010: 4). Após a interrupção de suas exibições, Merrick foi levado pelo Dr. Treves para morar no Royal London Hospital. Lá John Merrick passou a fazer parte de outros tipos de exibições: era estudado pela comunidade científica, como já ressaltado, mas também foi visitado por pessoas da sociedade, as quais iam até lá para satisfazer a sua mórbida curiosidade e se instruir sobre a “novidade exótica” que passou a morar no hospital – “novidade” que chamara a atenção da atriz Magde Kendal (famosa no período, e que se tornou uma espécie de madrinha de Merrick) e da Princesa Alexandra, que o visitavam no hospital.⁸

Um outro aspecto focado no filme é a ideia de “maldição”, ou de “castigo”, que acompanhava muitas das histórias de vida de “freaks”. Logo no início do filme aparece a mãe de Merrick sendo atacada por elefantes, dando a ideia de que ela pode ter sido sexualmente violada por um dos animais e, por esse motivo, dado à luz ao “menino elefante”. Na história real, ao que parece, um circo havia visitado Leicester (a cidade aonde John Merrick nasceu) e um elefante escapou da jaula; porém, não se sabe se a mãe de Merrick chegou a ver o animal fugido, correndo pela cidade. De qualquer forma, a “culpa” e a “vergonha” que muitas famílias de “freaks” costumavam sentir com relação àquelas criaturas diferentes que colocaram no mundo, assim como perante ao resto da sociedade, fazia com que histórias como essa fossem criadas para ajudar a *justificar* a “maldição”, ou o “castigo” que acreditavam estar carregando. Ficavam as questões: seria aquela uma maldição devido a um sonho ou acontecimento inesperado, um castigo divino, uma provação, ou mesmo o azar de portar uma doença incurável?

⁸ No relançamento do filme, em 2006, em DVD, foi incluído um documentário intitulado “O verdadeiro homem elefante” no qual Jonathan Evans, arquivista e curador dos arquivos e do museu do Royal London Hospital fala sobre a história real de John Merrick (na realidade, batizado Joseph Carey Merrick).



Imagens 7 e 8 – John Merrick em dois momentos. No primeiro, vestido para o retrato de estúdio; no segundo, despido para retrato de estudo médico, década de 1880.

Considerações finais.

Mas voltemos à foto do homem com elefantíase, que abriu este artigo. Apesar do registro da foto do homem, Christiano Júnior não foi conhecidamente fotógrafo das chamadas “aberrações”; Christiano Júnior ficou conhecido entre nós como fotógrafo de fotos-souvenir, sobretudo fotos de negros escravos ou forros que posaram “encenando” profissões, ritos e diferentes situações do seu cotidiano de meados do século XIX. Na minha pesquisa sobre os cartões de visita de “freaks” – os quais eram colocados à venda como propaganda, objeto de coleção, ou simplesmente como curiosidade –, notei que esse tipo de foto costumava seguir um determinado padrão. Era comum que uma certa aura de *mistério* e *fascinação* fosse mantida; para isso, costumava-se seguir os padrões de pose das fotos de estúdio das demais pessoas da sociedade; padrões de pose que *dignificavam* em certa medida. A fotografia de “freaks” conferia um certo ar de “celebridade” às mais prodigiosas curiosidades humanas. Já a foto médica, despia as pessoas (muitas vezes, literalmente, como no caso da foto do homem com elefantíase, **imagem 1**), pois o que interessava era a observação e o método científico (ADAMS,

2001: 118-119). Muitas fotos médicas de aberrações da época lembram as fotos antropométricas pela frieza e objetividade; pela falta de preocupação com cenário, ou com uma pose mais dignificante. Vide neste artigo as duas fotos de John Merrick (**imagem 7**, uma foto que pode ser chamada de um retrato pessoal de Merrick – mas que também pode ter sido usada para um estudo médico, assim como vendida como souvenir aos visitantes --, e a **imagem 8**, uma foto que expõe Merrick para um estudo científico e que, certamente, não teria sido usada por ele como um retrato pessoal), ou mesmo a foto do menino com vitiligo exibido por Barnum (**imagem 4**), ou a de Fanny Mills (**imagem 5**). Não digo que o que chamo de *retratos pessoais* dos “freaks” (ainda que tenham sido produzidos com a intenção de serem vendidos como souvenir aos frequentadores das exposições) perturbassem menos do que as fotos médicas, nem que expusessem menos as pessoas retratadas à escrutinização dos outros pelo fato de serem retratados, na maioria das vezes, vestidos, mas, sim, que aquelas costumavam ser fotos que envolviam um certo ritual de pose e, muitas vezes, algum aparato de cena, (repito) assim como nas fotos das demais pessoas da sociedade. Portanto, meu argumento é: os retratos pessoais posados em estúdios costumavam explorar e deixar registrada a *dignidade* dos retratados, fossem eles da raça ou do credo que fossem; fossem eles pessoas consideradas fisicamente “normais”, ou “aberrações”, ao contrário do que acontecia com o registro científico, que expunha e constrangia o *objeto de estudo*.

BIBLIOGRAFIA consultada:

Livros:

ADAMS, Rachel, *Sideshow U.S.A. Freaks and the american cultural imagination*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 2001.

BATES, A. W., *Emblematic monsters. Unnatural conceptions and deformed births in early modern Europe*. Amsterdam e Nova Iorque: Editions Rodopi B. V., 2005.

BOGDAN, Robert, *Freak show. Presenting human odities for amusement and profit*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1988.

CHEMERS, Michael M., *Staging stigma: a critical examination of the American freak show*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008.

DANIEL, Noel (editor), *The circus: 1870-1950*. Taschen, 2008.

DURBACH, Nadja, *Spectacle of deformity. Freak shows and modern British culture*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2010.

HARTZMAN, Marc, *American sideshow. An encyclopedia of history's most wondrous and curiously strange performers*. Nova York, Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2006.

HORNBERGER, Francine, *Carny folk. The world's weirdest sideshow acts*. Nova York, Citadel Press Books, 2005.

LINDFORS, Bernth (editor), *Africans on stage. Studies in ethnological show business*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

MONTAGU, Ashley, *The elephant man: a study in human dignity*. Lafayette, Louisiana: Acadian House Publishing, 2008.

NICKELL, Joe, *Secrets of the sideshows*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SONTAG, Susan, *Regarding the pain of others*. Nova Iorque: Picador, 2004.

THOMSON, Rosemarie Garland, *Freakery. Cultural spectacles of the extraordinary body*. Nova Iorque e Londres: New York University Press, 1996.

TREVES, Frederick, *The elephant man and other reminiscences*. Memphis, Tennessee, 2010 (publicado originalmente em 1923).

Teses de medicina do século XIX (consultadas na biblioteca da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro):

BRASIL, Ernesto Índio do, *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia do Commercio de Brito & Braga, 1858.

CRUZ, Joze de Souza Pereira da, *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, 1857.

FREITAS, Joaquim Soares Pereira de, *Diagnostico diferencial dos tumores escrotaes*. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Central de Brown & Evaristo, 1976.

GUIMARÃES, Francisco de Assis Azevedo, *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia do Commercio de Brito & Braga, 1858.

NEVES, Augusto José Pereira das, *Thése apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

SÁ, Augusto Candido Fortes de Bustamante de, *These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Commercial de F. O. Q. Regadas, 1858.

Multimídia:

“O homem elefante”, em DVD. Filme de David Lynch. EUA, 1980.